

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS: NOVAS QUESTÕES PARA A EDUCAÇÃO

SILVA, Cleânia de Sales – UFRN

GT: Educação e Comunicação / n. 16

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Falar de representações sociais implica necessariamente falar de comunicação, pois é no processo comunicacional que as representações sociais são geradas e expressas. Como mostra Moscovici (2003, p.371) “Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação”. Exatamente por isso, Moscovici considera a comunicação como parte dos estudos das representações sociais. Seus trabalhos marcam bem este postulado, visto que estabelecem justamente a relação entre estes dois campos, relação esta apresentada no próprio conceito de representações sociais formulado por ele: “Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime [...] é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p.27).

O teórico discute o papel da comunicação na formação das representações sociais a partir de três enfoques: dos fenômenos cognitivos, da criação de um universo consensual e dos fenômenos de influência e de pertença sociais. Em relação a esse último, ele mostra a influência dos meios de comunicação de massa na formação das representações sociais e sua relação com a conduta humana. Para ele, a percepção pública de temas relevantes é construída com base nas informações transmitidas pela mídia. Estas informações, veiculadas sob as mais diversas formas, são apropriadas e reconstruídas pelos indivíduos ou grupos, dando origem a condutas pertinentes aos sentidos atribuídos nesta reorganização.

Os estudos de Moscovici (1978, 2003) nos chamaram a atenção para o papel atribuído à comunicação midiática na popularização das teorias científicas. Segundo ele, a mídia exerce a função de mediadora entre o universo reificado (ciência) e o universo consensual e, como tal, possibilita que as teorias sejam socializadas, transportadas para o senso comum. Entretanto, isso não se constitui numa mera transmissão de informações, mas numa ressignificação em que a mensagem vai sendo alterada e recebendo sentidos novos a partir de normas e valores coletivos, dando margem ao surgimento de uma outra teoria - a representação social - que servirá de guia para as

práticas humanas.

Moscovici explica, ainda, que do mesmo jeito que existem diferentes sistemas de comunicação e conversações em níveis interpessoais, há diferentes sistemas de comunicação midiáticos que vão moldar diferenciadamente o pensamento social. Na segunda parte do seu estudo sobre as representações sociais da Psicanálise (1978), enfocou o papel da imprensa no processo de popularização desta teoria e da sua implicação na conduta das pessoas a partir de três sistemas de comunicação identificados de acordo com o propósito e a lógica da mensagem e o contexto sócio-histórico que a gerou: *a difusão, a propagação e a propaganda*.

Para ele, a *difusão* é um processo no decurso do qual a transmissão das informações é feita do “inventor”, do cientista (minoría) para uma maioria. Exatamente por isso se caracteriza pela indiferenciação entre a fonte e os receptores de comunicação, visto que os autores dos artigos transmitem as informações que recebem dos especialistas, sem muita organização da mensagem no sentido de forjar atitudes determinadas, sendo estes ao mesmo tempo receptores e leitores. Seu objetivo é criar um saber comum, dando margem para o surgimento de opiniões diversas; a *propagação* tem como característica a produção organizada da informação, feita pelos membros do grupo, no sentido de propagar uma crença, buscando acomodar o novo saber a princípios já estabelecidos, provocando atitudes precisas; e a *propaganda* é uma forma de comunicação que se insere em relações conflituosas, onde cada partido ou instituição busca impor a sua idéia através de estratégias de persuasão. Manipulando o saber, ela forma estereótipos com vistas a estabelecer a identidade do grupo.

Como podemos ver, a comunicação midiática é portadora e formadora de representações e, como tal, interfere diretamente na conduta dos indivíduos, conforme a dinâmica das interações realizadas entre sujeito e objeto, articuladas no âmbito do meio comunicacional. O conhecimento das representações sociais veiculadas pela mídia é de fundamental importância, tendo em vista que nos possibilita ter acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e nas suas práticas sociais.

Partindo destes pressupostos, buscamos neste artigo refletir sobre a importância da análise das representações sociais veiculadas nos discursos midiáticos para a educação, tomando como referência uma pesquisa que teve como objetivo apreender as representações sociais de construtivismo presentes na mídia e suas implicações na formação de opiniões, atitudes, estereótipos e nos comportamentos das

pessoas envolvidas direta ou indiretamente no processo educativo.

O objetivo da pesquisa foi construído seguindo os mesmos questionamentos e a mesma curiosidade que moveram Moscovici no seu estudo sobre a representação social da Psicanálise (1978), qual seja: como uma teoria científica consegue penetrar em várias camadas de uma sociedade, influenciar as leituras de mundo e os comportamentos de diferentes pessoas? Que modificações ela sofre para conseguir isso e qual o papel dos meios de comunicação de massa neste processo? Esses questionamentos também nos instigaram face à similaridade da situação vivenciada: A inserção da teoria construtivista no meio educacional há mais de duas décadas, bem como a sua consolidação como referência em diferentes contextos sociais: nas práticas e reflexões pedagógicas escolares, nas reformas e políticas educacionais, nas conversas informais dos professores e outros profissionais da área, nos cursos de capacitação docente, na escolha de escolas para matricular os filhos, na publicação e editoração de livros e revistas, na programação de eventos científicos, etc.

Na verdade, embora tenhamos realizado em 2000/2001 um estudo¹ com os professores da rede pública de Teresina-Pi, objetivando conhecer como estes profissionais representavam esta teoria, que imagem tinham a respeito e as implicações disso nas suas práticas educativas; e embora este estudo tenha apontado aspectos importantes que serviram de referência para o redimensionamento da formação e da prática desses docentes, consideramo-lo insuficiente para compreender algumas das questões levantadas, entre outras mais, como por exemplo: Por que os professores têm uma representação tão positiva do construtivismo e um saber tão estereotipado? Que papel os meios de comunicação de massa exercem neste fato? Por que o construtivismo se consolida como referência até hoje, há mais de duas décadas de sua inserção no contexto educacional, atingindo não apenas professores e profissionais da área, mas outras pessoas que não estão envolvidas diretamente no processo de educação escolar? Que espaço esta teoria tem atualmente na mídia brasileira? Estas reflexões nos levaram ao desenvolvimento da pesquisa² que tomamos, neste artigo, como referência para discussão de alguns pontos que julgamos importantes.

O meio midiático escolhido na nossa investigação foi a Internet. Segundo Levy (2000, p. 126) ela se constitui “[...] o grande oceano do novo planeta

1 O estudo resultou na dissertação de Mestrado, defendida em 2001 e intitulada: “Construtivismo: representações e práticas do professor”.

2 Esta pesquisa, conforme dito anteriormente, versa sobre o construtivismo na mídia e é subsídio da Tese de Doutorado em Educação.

informacional”, o principal meio de circulação de informações na atualidade. Embora nem todas as pessoas tenham acesso a ela, reconhecemos que os serviços gratuitos oferecidos pelas universidades, órgãos públicos, associações sem fins lucrativos têm-se proliferado rapidamente na nossa sociedade e contribuído para diminuir esta inacessibilidade, principalmente entre os professores e os alunos, uns dos seus principais usuários. Além do mais, este meio de comunicação possibilita a interação com diferentes formas de representação e imagens, diferentes indivíduos, diferentes “mundos”, configurando, portanto, como um importante espaço de produção simbólica e, conseqüentemente, uma fundamental fonte de análise das representações sociais de determinado objeto social. Estas considerações justificam a escolha deste meio midiático no nosso estudo.

Assim, a pesquisa desenvolvida teve como corpus de investigação as matérias veiculadas pela Internet sobre o construtivismo, nas páginas em português da *Google*. Optamos por esta ferramenta de busca pelo fato de ser considerada, conforme explica Galhardo (2004), um importante instrumento de busca, principalmente entre documentos de universidades e um dos mais populares da rede, tendo uma grande abrangência na circulação de informações e na socialização das teorias científicas. A coleta do material foi realizada no período de 27 de julho de 2004 a 17 de agosto de 2004. Em função da fugacidade do conteúdo presente nesse meio de comunicação, sempre a cada nova consulta verificamos possíveis alterações no número e tipo de documentos disponibilizados e realizamos uma atualização no registro dessas informações.

Durante a coleta, encontramos na *Google* 1000 documentos disponíveis que abordavam a temática “construtivismo”, originados de diversos sites (universidades, escolas, editoras, livrarias, revistas, jornais, organizações sindicais, entidades governamentais, entre outros). Embora se tratasse de um grande número de textos, percorremos todas as referências sugeridas para apreender as informações necessárias ao estudo que pretendíamos. Esse percurso inicialmente se caracterizou como uma leitura rápida, que nos possibilitou perceber que a palavra pesquisada se remetia a diferentes versões. Tomamos para análise 758 desses documentos (75,8%), visto que 242 não se remetiam ao nosso objeto de estudo: construtivismo enquanto referencial teórico-epistemológico do processo de ensino-aprendizagem escolar, mas se referiam a outras perspectivas: movimento artístico russo, sistema filosófico racionalista, construção sociológica do conhecimento, etc.

Após essa seleção, submetemos o corpus a um processo de categorização que teve como critério a tipologia dos documentos. A partir dessa categorização identificamos a presença do construtivismo nos discursos veiculados na Internet em diferentes textos, a saber: **textos científicos** (artigos, capítulos de tese, dissertação e monografia) que discorriam sobre o construtivismo de forma fundamentada, através de estudos sistematizados ou pesquisas científicas; **textos informativos** que traziam explicações sobre os pressupostos da teoria sem muita sistematização e elaboração; **entrevistas** com teóricos idealizadores e defensores do construtivismo; **relatos de experiências** de professores e instituições públicas e privadas sobre práticas construtivistas, **textos de orientação e interativos** (tais como: “Fala-Mestre”, “Especialista responde”, guias de matrículas) que buscavam tirar dúvidas a respeito da teoria; **textos argumentativos** que apresentavam opiniões de diversos participantes (educadores, pais, alunos, pesquisadores, etc.) sobre um debate on-line intitulado: “construtivismo na escola”; **textos publicitários**, os quais se constituíam em anúncios de escolas e empresas que ofereciam produtos e serviços relacionando-os com o construtivismo; e **outros textos** (ementas de disciplinas, currículos, referências bibliográfica, solicitação de informações, etc.) que por se tratarem de textos que apenas traziam a escrita da palavra “construtivismo”, sem apresentarem comentários acerca da teoria ou qualquer propagação de crenças a respeito, não se configuraram objeto de análise no nosso trabalho.

Com base nesta tipologização, partimos para um outro processo de categorização cujo intuito era identificar a que nível de comunicação midiática (*propagação, propaganda, difusão*) pertencia cada tipo de texto. Embora as idéias de Moscovici (1978, 2003) tenham sido fundamentais para a compreensão das características inerentes de cada sistema de comunicação, recorreremos às idéias de Wagner (1998) e Carvalho (2003) a respeito da sociogênese das representações sociais para esclarecer algumas dúvidas surgidas no percurso desta identificação, tais como: os textos científicos, de caráter informativo e as entrevistas são de difusão ou propagação? Como caracterizá-los? Segundo estes autores as representações sociais nascem, evoluem, adquirem determinadas características e funções conforme suas origens e destinações. Com base nessa idéia, atribuímos mais um fator de demarcação dos três níveis de comunicação: a sociogênese, ou seja, a origem e a destinação das informações. A *difusão* seria um nível de comunicação em que a origem das informações e sua destinação-alvo aconteceriam dentro do universo reificado/acadêmico; já a *propagação*

e a *propaganda*, mesmo tendo origem no universo reificado ou consensual, destina-se ao universo consensual.

Desse modo, consideramos os artigos científicos, os capítulos de trabalhos científicos (teses, dissertações e monografias) como textos que se relacionam com a difusão, visto que são originados no universo reificado e/ou acadêmico e, apesar de veiculados na mídia, tem como destinação-alvo a clientela deste universo (professores, pesquisadores e alunos da academia). Além do mais, partimos do pressuposto de que estes textos não objetivam formar atitudes precisas nem manter a identidade de certos grupos, mas colocar em voga a temática, não apresentando diferenças relevantes entre a informação veiculada e a originária. A organização das mensagens nestes textos se dá em função de serem resultados de estudos sistematizados e de pesquisas científicas e necessitarem ser expressos através de uma linguagem mais elaborada. De modo geral, eles discutem resultados de pesquisas que articulam os princípios construtivistas em diferentes áreas - alfabetização, matemática, informática, ciência, etc. - e em diferentes níveis de ensino – do infantil à pós-graduação. Alguns trazem explicações sistematizadas acerca da teoria, ressaltando a importância dos seus postulados para o desenvolvimento das funções cognitivas e para o processo de ensino-aprendizagem; outros discorrem sobre os equívocos, dificuldades e problemas vivenciados na implantação de uma prática pedagógica construtivista; outros fazem uma crítica sobre as lacunas e os reducionismos que julgam encontrar na teoria, seja nos aspectos epistemológicos ou metodológicos. Estes textos, face à diversidade de informações feita à teoria, possibilitam a formação de opiniões diversas em relação a ela, o que vem confirmar a nossa tese de difusão. Vejamos alguns trechos dessa categoria³:

Em lugar de pretender ser uma ampla e abrangente Teoria da Educação, o construtivismo deve recuperar sua orientação epistemológica, aprofundar suas contribuições enquanto Teoria de Aprendizagem e buscar uma articulação com outras dimensões e orientações da pesquisa em ensino de ciências [...] É preciso reconhecer ainda que muito dos desafios enfrentados pelo ensino de ciências vão além do que o construtivismo, enquanto uma teoria do conhecimento e da aprendizagem, pode oferecer. Tais questões exigem uma correta formulação do papel do construtivismo no desenvolvimento de currículos no ensino de ciências e sua necessária articulação com outras contribuições decorrentes da pesquisa educacional (TC9).

³ Para a identificação da tipologia dos textos utilizamos as letras TC (texto científico), TE (entrevista), TI (texto informativo), TO (texto de orientação), TA (texto argumentativo), TR (relatos de experiência) e TP (texto publicitário) seguidas de uma numeração indicando a seqüência em que esses textos foram analisados.

Uma visão construtivista do ensino e aprendizagem nos meios didáticos recoloca o problema da formação do professor universitário, ressaltando a importância do seu conhecimento científico tanto quanto do conhecimento de habilidades pedagógicas, ambos requisitos para assegurar sua competência profissional. [...] numa perspectiva construtivista do ensino e da aprendizagem a competência disciplinar, ou seja, o domínio do conhecimento científico do ponto de vista heurístico-conceitual, experimental e formal (Vilani, 1986), a habilidade didática, ou seja, a capacidade de proporcionar aos alunos as situações mais favoráveis para seu crescimento intelectual e emocional e de sustentá-los em seu processo de aprendizagem específica, constituem um binômio em contínua interação com resultados variáveis (TC15).

As entrevistas, embora tenham sido realizadas com teóricos idealizadores e defensores do construtivismo, foram identificadas com a difusão, pelo fato de os entrevistados serem os próprios cientistas ou intelectuais reconhecidos na academia, ou seja, no universo reificado (Piaget, Emilia Ferreiro, Lino de Macedo, Mario Carretero, entre outros) que apresentavam explicações dos postulados construtivistas a partir de uma linguagem técnica, buscando esclarecer algumas dúvidas e equívocos referentes aos conceitos e termos específicos da teoria e às distorções e reducionismos surgidos a respeito. Embora estas entrevistas possam ser lidas por diferentes indivíduos e grupos, seu público-alvo também é professores, pesquisadores e alunos do meio acadêmico. A seguir um trecho de uma entrevista:

A teoria construtivista evoluiu nos últimos tempos e começou a incorporar não somente as idéias de Jean Piaget (1896-1980), mas também as de Lev Vygostky (1896-1934) e as da Psicologia cognitiva. Esse processo nos permitiu chegar à conclusão de que há diversos modelos de conhecimentos prévios. Alguns estão diretamente relacionados aos conteúdos curriculares [...] existem também conhecimentos prévios gerais [...]. Muitas vezes o professor acredita que basta entrar na classe e perguntar o que foi aprendido no ano passado. Essa visão é muito superficial. Ninguém aprende alguma coisa partindo do nada, mas sim usando suas capacidades intelectuais, cognitivas e sociais. Para avaliá-las não existe um modelo. O importante é utilizar diferentes métodos para identificar os conhecimentos prévios (TE2).

Os textos informativos não são produzidos no meio acadêmico, mas em diferentes segmentos do mundo cotidiano. Os seus autores são professores do ensino infantil e fundamental, pais, estudantes, coordenadores, donos de escola, jornalistas que se dirigem a uma pluralidade de leitores (professores de ensino infantil e fundamental, estudantes, pais, donas de casa; o público em geral). Eles apresentam explicações que

diferem em relação às informações da fonte original e propagam uma crença bastante positiva em relação aos princípios construtivistas, instigando no público uma tomada de posição favorável. As informações são pouco fundamentadas, mas reforçadas pela repetição de alguns termos-chave (aluno ativo, professor facilitador, aprender brincando) e pela autoridade de terceiros (instituições, professores e pesquisadores reconhecidos socialmente). A linguagem é menos formal, acessível ao público em geral. Pelos aspectos expostos, consideramos estes textos como de propagação.

Os textos de orientações e interativos também foram considerados de propagação por dois motivos: porque se manifestam dentro do universo consensual, tendo jornalistas, donos de escola e professores como seus autores; e os professores e os pais de alunos como seus leitores; e porque, ao orientarem os leitores sobre o construtivismo e as escolas que adotam este referencial e sobre suas diferenças em relação a outras abordagens ou metodologias de ensino, propagam a crença de que esta teoria prepara o aluno para o mercado de trabalho, para a vida, instigando uma tomada de posição favorável por parte da população.

Os textos argumentativos apresentam opiniões de diferentes pessoas sobre o construtivismo, opiniões estas comumente favoráveis, algumas fundamentadas em estudos sistematizados ou experiências profissionais, vindas de professores e estudiosos da área, outras baseadas no “achismo”, vindas, na maioria, de pais, estudantes, donas de casa, etc. Como dissemos, nestes textos há uma pluralidade de autores, tendo em vista que o debate on-line é aberto e qualquer um (especialista ou leigo) pode manifestar-se a respeito. Observamos que a pressão à inferência abordada por Moscovici (1978, p.55) torna-se muito presente nestes textos, pois cada um quer fazer parte do debate, [...] “falar daquilo que todo mundo fala”. Assim, o construtivismo se torna foco de conversação, teorização e debate para as mais diversas pessoas, as quais se configuram como “especialistas populares” que além de explicarem o construtivismo atribuem-no a crença de que é bom, é inovador, é o melhor para a educação, é solução para o analfabetismo e para os problemas sociais, devendo o Estado, a escola, os professores e os pais adotarem determinadas atitudes como garantia. Esta propagação de crenças e valores, muito embora não seja fundamentada em argumentos científicos ou referenciada por outras pessoas reconhecidas socialmente, vem contribuir para a formação de atitudes favoráveis em relação à teoria. As características apresentadas nestes textos nos levaram a considerá-los como de propagação. Os trechos que seguem são exemplos dessa modalidade de comunicação:

Falar sobre o construtivismo não é tarefa fácil. Há diferentes nuances desta teoria e, principalmente, diferentes interpretações e aplicações. Na verdade, o construtivismo não é um método de ensino, mas o nome genérico dado às diversas tentativas de aplicar nas salas de aula as concepções desenvolvidas principalmente por Piaget.[...]. A maior contribuição do construtivismo às escolas foi revelar que a criança não pensa como o adulto e nem por isso é menos inteligente. A criança tem um modo próprio de entender as coisas, que vai evoluindo até atingir o pensamento adulto. Supostamente, as escolas construtivistas não infantilizam nem reduzem o conhecimento, pois respeitam a inteligência infantil (TI4).

Na hora de escolher uma escola é fundamental conhecer profundamente os princípios pedagógicos adotados pelas diferentes instituições. Atualmente, a teoria sobre aprendizagem mais em voga entre as instituições de ensino é o construtivismo. É possível dizer que nove entre dez escolas se apresentem como construtivistas. O que não quer dizer que pratiquem à risca o que pregam. Em uma escola que realmente adote o construtivismo é praticamente impossível que dois irmãos assistam a aulas idênticas ao passarem, em anos diferentes, por determinadas séries [...]. Outra característica da escola construtivista é a ênfase na formação continuada do professores e o intercâmbio constante com a coordenação. Ao contrário do que acontece na escola tradicional, em que o professor ensina e o aluno escuta, o construtivismo pressupõe uma parceria e uma troca de informações entre as duas partes envolvidas. [...]. Em Salvador, o X⁴ é conhecido por praticar os princípios construtivistas até o final do ensino médio (T01).

A aplicação do construtivismo possibilitou a formação de crianças capazes de ir além do mero conhecimento assimilado. Elas se tornaram mais críticas, opinativas, investigativas. Esse resultado fez com que muitas escolas passassem a adotar o construtivismo associado a outras técnicas pedagógicas. Esta tendência agrada a alguns pais que desejam preparar o filho para a crescente competitividade no mercado de trabalho (TO4).

[...]. Segundo essa teoria, o professor deve auxiliar nesse processo, fazendo com que a criança tenha capacidade e espírito crítico para filtrar um número cada vez maior de informações a que está disposta, ou seja, o papel da escola é preparar para a vida, e não apenas transmitir conhecimentos (TO8)

O construtivismo na escola é a melhor coisa a se fazer para não termos analfabetos no Brasil (TA15).

É fundamental que as escolas brasileiras eduquem seus alunos de forma plena, na qual o aluno aprenda a pensar de forma autônoma. Decorar é inútil. O Brasil só está nesta situação porque a população é, desde cedo, habituada a decorar, aceitando verdades prontas. Quando chega a fase adulta, o povo não sabe analisar os políticos e acaba

4 A letra X é utilizada neste trabalho sempre que um estabelecimento é citado, a fim de garantir o anonimato.

elegendo o que paga mais. É a triste realidade. Para que se altere esse panorama brasileiro é necessário que sejam formados cidadãos conscientes, capazes de cumprir seus deveres sociais e reclamar por seus direitos. O construtivismo é na teoria o melhor método de ensino. A dificuldade pode consistir na prática. Acho que todos os educadores deveriam esforçar-se no sentido de tentar fazer esse método funcionar na prática (TA4).

Os relatos de experiências são textos de instituições públicas e privadas e de professores que mostram as possibilidades, as vantagens e os desafios da aplicabilidade da teoria no dia-a-dia da sala de aula, objetivando, através de exemplos concretos, convencer o público em geral de que com a implantação de práticas construtivistas ou de reformas educativas pautadas neste referencial o ensino está melhorando e os problemas de aprendizagem, de escrita ou de analfabetismo estão diminuindo. A escola, o Estado e o professor, enquanto seguidores do construtivismo, estão tendo compromisso com a educação. Estas considerações permitiram-nos identificar estes textos como propaganda. Apresentamos a seguir alguns exemplos típicos desta categoria:

Construtivismo: eficácia na educação. Professora muda na escola o conceito de alfabetização e passa a ensinar segundo a teoria construtivista [...] agora é possível observar as crianças escrevendo sem medo, lendo jornais, e muitos outros textos (TR1).

Uma nova experiência em educação está sendo realizada em Santos no instituto X. O construtivismo método que permite ao aluno construir meios para o conhecimento está sendo empregado na pré-escola da entidade. [...] O resultado é que crianças ficam mais aptas a aprender novas coisas, desenvolvem o senso crítico, solucionam problemas e se preparam para um futuro melhor [...]. O compromisso com a educação exige práticas voltadas para isso (TR8).

Os textos publicitários encontrados on-line se referem a anúncios de: escolas particulares do ensino regular, de faculdades e de institutos que afirmam adotar uma metodologia fundamentada no construtivismo; de cursos de pós-graduação em construtivismo; de cursos de língua estrangeira ministrados a partir de “métodos” construtivistas; de empresas de assessoria direcionados a escolas públicas e privadas, professores, profissionais de outras áreas (odontologia, administração, etc.) que oferecem serviços pautados nos postulados construtivistas e cursos de treinamento que abordam a teoria como conteúdo ou que utilizam uma metodologia construtivista, etc; de vendas de materiais didáticos considerados “construtivistas” (abecedário, jogos ortográficos, blocos dourados, etc.) destinados a instituições de ensino e prefeituras; de equipamentos eletrônicos que utilizam, no seu discurso, o construtivismo; de fitas de

vídeos e de livros que abordam a temática, etc. Todos estes textos têm como objetivo vender serviços ou produtos e, como tal, apresentam uma dimensão predominantemente comercial.

É importante esclarecer que, embora Moscovici (1978, 2003) tenha se referido à propaganda basicamente como uma forma de comunicação ideológica, na qual se manipula o saber deliberadamente para estabelecer a identidade de um grupo e conservá-lo na sua estrutura; embora muitos estudos na área de comunicação social apontem a propaganda e a publicidade como atividades diferentes, onde a primeira se caracteriza como a expressão de uma opinião por indivíduos ou grupos, deliberadamente orientada a influenciar outros indivíduos ou grupos para fins predeterminados e a segunda caracteriza-se como uma atividade mediante a qual bens de consumo e serviços que estão à venda se dão a conhecer, tentando convencer o público da vantagem de adquiri-los, apresentando caráter expressamente comercial, na nossa pesquisa tomamos o discurso publicitário como propaganda, ou seja, como uma forma de comunicação que além do caráter comercial traz em suas mensagens um caráter ideológico, realimentando as representações sociais que desejam manter, forjando outras que desejam produzir e instigando a conduta que desejam estabelecer. Para isso, recorreremos aos estudos de Gomes (2001) e Rocha (1990). Conforme Gomes, a publicidade e a propaganda, apesar de diferentes, podem vir associadas, visto que uma mensagem publicitária poderá ter, além do caráter comercial, o caráter ideológico. Por sua vez Rocha afirma que a publicidade, na ideologia de seus anúncios, traz em si a força de um projeto social que pode não só catalisar interesses comuns de diferentes indivíduos, mas induzi-los a assumir, como seus, certos interesses pertencentes a outros grupos na sociedade.

Dessa forma, julgamos que os discursos publicitários que utilizam o construtivismo em suas mensagens, além de terem um caráter comercial (venda do produto ou serviço), apresentam um caráter ideológico, visto que expressam opiniões, crenças, valores que vão influenciar na conduta humana e na formação de estereótipos, mantendo a identidade e os interesses de determinado grupo. Alguns trechos podem ilustrar nosso pensamento:

[...] nossa missão é consolidar-se, cada vez mais, como um centro de excelência de estudo e ensino, voltado para a vanguarda do conhecimento nas áreas de atuação da escola. Nesse sentido, o foco deve ser a educação com qualidade, visando atender as necessidades e expectativas do mercado e da sociedade, de modo a assegurar a perpetuação da escola [...] com uma metodologia própria baseada no

construtivismo (TP4).

O material utilizado pelo X está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e segue a linha do construtivismo [...] O X dá suporte necessário para a sua implementação com toda a linha pedagógica necessária a aplicação destes conhecimentos inovadores na área da educação (TP29).

Laptops estimulam os professores a adotar métodos construtivistas. Professores usuários de laptops apresentaram uma tendência a adotar práticas de ensino que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, no diálogo ao invés da dissertação, encorajam o questionamento feito pelos alunos e o desenvolvimento das habilidades de raciocínio [...] mais de 80% dos professores, usuários do laptop ou não, relatam que os computadores exercem um papel em seu crescente uso da pedagogia construtivista (TP37).

[...] o aluno deixa de ser um mero receptor de informações, passando a ser um construtor, numa Pedagogia inspirada nos princípios da construção do conhecimento. Uma Pedagogia inspirada nos pressupostos ora apresentados fará do colégio X uma escola com visão atual do processo educativo, objetivando oferecer as condições para o desenvolvimento harmonioso dos alunos, [...] em consequência formar um cidadão autônomo e competente, capaz de viver plenamente sua cidadania. (TP6).

Como podemos perceber, o construtivismo é utilizado para atrair clientes e garantir às empresas a sua manutenção e ascensão no mercado. Os autores desses textos passam a falar de seus produtos e serviços através da teoria, a qual assume um “status instrumental” (MOSCOVICI, 1978, p. 175), sendo uma referência de ação que se mantém através de uma dimensão simbólica e imaginária, a qual vincula o construtivismo à qualidade do ensino e à formação de seres autônomos, verdadeiros cidadãos, mobilizando anseios e necessidades da população-alvo e orientando seus comportamentos.

Na tarefa de persuadir o público, de convencê-lo de que oferecem o melhor serviço ou produto, criam uma linguagem específica, na qual os termos “aluno ativo”, “professor estimulador”, “atividades lúdicas”, entre outros, representam a qualidade do ensino, o compromisso com a educação, o exercício da cidadania. De acordo com Moscovici (2003, p.314) a criação dessa linguagem é uma estratégia da propaganda que, através do emprego de palavras associadas a novos sentidos, cria novas representações: “Uma vez conseguido isso, as palavras obtêm seus sentidos específicos e esses, por sua vez, justificam seu uso na propaganda.”

Esta situação nos leva a inferir que o papel da Internet na popularização da teoria construtivista não se restringe apenas a difundir as idéias, conceitos e vocábulos

para o domínio do público, nem fazer com que este público ressignifique tais idéias e conceitos, mas também utilizá-los a serviço de interesses financeiros e políticos, o que nos lembra as explicações de Moscovici (2003) acerca da função ideológica que foi atribuída à Psicanálise pela classe dominante. Para o teórico isso se deu num processo evolutivo a partir de três fases: a fase científica de sua elaboração como teoria; a fase representativa em que ela se difunde dentro de uma sociedade e suas imagens, conceitos e vocábulos são difundidos e adaptados; e a fase ideológica em que a representação é apropriada por um partido, uma escola de pensamento ou um órgão do estado e é logicamente reconstruída, de tal modo que um produto, criado pela sociedade como um todo, pode se legitimar em nome da ciência. No caso do construtivismo, observamos também esse percurso evolutivo em que ele passa do domínio reificado para o senso comum e se eleva à função da ideologia dominante, através da propaganda feita a seu respeito.

Os pontos aqui discutidos vêm demonstrar que a Internet, enquanto um dos principais meios de informação da população em nossa sociedade, tem ocupado um lugar considerável como socializadora da teoria construtivista e como formadora e veiculadora de representações sociais, opiniões e atitudes acerca deste referencial. A popularização dessa teoria neste meio midiático é efetuada por diferentes comunicadores: os cientistas, intelectuais que, através de suas falas em entrevistas e citações ou de seus textos originais disponibilizados no meio eletrônico, assumem o papel, ainda que indiretamente, de divulgadores; os jornalistas, professores, coordenadores educacionais, estudiosos da área que fazem a mediação entre os cientistas e o público em geral; e as pessoas leigas, como pais, vendedores, empresários, editores, etc. que de uma certa forma dão explicações e opiniões e instigam atitudes a respeito. Esta multiplicidade de comunicadores dá margem a uma diversidade de tipos de textos direcionados a diferentes públicos (ora mais especializados, ora mais gerais), a uma diversidade de formas de organização e atribuição de sentidos das informações e, conseqüentemente, a uma amplitude de usos feitos com essa teoria.

A pesquisa nos possibilitou perceber, ainda, que os níveis de comunicação *difusão*, *propagação* e *propaganda* elencados por Moscovici (1978, 2003) aplicam-se perfeitamente nas comunicações efetivadas pela Internet sobre o construtivismo, sendo a propaganda predominante e tendo, além do caráter ideológico, uma dimensão extremamente comercial. Isto pode ser explicado a partir de duas razões: a primeira explicação é de cunho mais específico e se remete a uma característica inerente ao meio

mediático escolhido como campo de estudo. Conforme afirma Galhardo (2004), as informações veiculadas na Internet, em sua maioria, são de caráter comercial. A segunda explicação é mais abrangente e se refere a uma característica específica de uma sociedade altamente capitalista e mercadológica como a nossa: a de transformar as teorias educacionais, as informações e o conhecimento num bem econômico, numa mercadoria de consumo. Esta situação é complexa e requer mais estudos e pesquisas a respeito.

Se é certo que nossas análises reafirmam o papel da mídia na popularização da teorias científicas, também é certo que nos mostram a necessidade de refletirmos sobre os usos feitos destas teorias e suas implicações na conduta das pessoas. Se os discursos midiáticos estão recheados de representações sociais, as quais vão intervir diretamente na construção de conhecimentos, de novas representações e de posturas assumidas pelo público, analisar estas representações sociais torna-se imprescindível numa sociedade em que a comunicação é, em grande parte, mediada pela mídia, numa sociedade em que esta se constitui não apenas num meio de informação, mas também de formação, “um autêntico sistema de ensino paralelo”(LOPES, 2001, p.31) de saberes, de valores, de crenças e de comportamentos.

Por fim, se é certo que as considerações e reflexões aqui apresentadas foram frutos do conhecimento das representações sociais veiculadas pela mídia acerca do construtivismo, também é certo que o estudo destas representações podem contribuir para uma nova leitura desta teoria, de sua imagem, das crenças que lhes são atribuídas, da manipulação política e econômica impetrada através dela e, conseqüentemente, podem contribuir para a reflexão e o redimensionamento das representações sociais que os professores têm a respeito, de suas práticas pedagógicas e processos de formação; das políticas e reformas educativas e suas implicações no âmbito escolar e social; das opiniões e atitudes dos pais e estudantes em relação às práticas escolares e às teorias que dizem fundamentá-las, etc. Nesse sentido, remeto-nos a afirmar que as representações sociais veiculadas pela mídia são subsídios imprescindíveis para a reflexão e o redimensionamento das questões educativas.

Considerando, porém, que os meios de comunicação, através de novas tecnologias, cada vez mais ampliam e aprofundam seus poderes enquanto espaços de construção de saberes e sentidos, enquanto veiculadores e formadores de representações sociais, acreditamos que o conhecimento das representações sociais veiculados nesses

meios podem instigar novas questões no cenário educacional.

Referências

CARVALHO, Maria do Rosário de Carvalho. As representações sociais na mediação do processo de ensino-aprendizagem. In: CARVALHO, Maria do Rosário; PASSEGGI, Maria da Conceição; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. (Org.). **Representações sociais: teoria e pesquisa**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2003.

GALAHARDO, Eduardo. **Introdução à pesquisa na internet**. ergalhard@. São Paulo: FCL. Unesp. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/~ergalhard/internet.htm>. Acesso em: 6 ago. 2004.

GOMES, Neusa Demartini. Publicidade ou propaganda? É isso aí. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.16, p.111-121, dez. 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1990.

SILVA, Cleânia de Sales. **Construtivismo: representações e práticas do professor**. 2001. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2001.

WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 1998.